



| | | |
|------------------------------|---|---|
| Público 20-11-2018 | Periodicidade: Diário Classe: Informação Geral Âmbito: Nacional Tiragem: 51453 | Temática: Industria Dimensão: 934 cm ² Imagem: S/Cor Página (s): 1/19 |
|------------------------------|---|---|

Automóveis
Detenção de Carlos Ghosn
abre crise profunda no
maior grupo do mundo
Economia, 19

Detenção de Carlos Ghosn abre crise na maior aliança mundial de carros

Automóvel
Victor Ferreira

Presidente da Renault-Nissan-Mitsubishi é suspeito de fraude fiscal. Japoneses querem despedi-lo. Macron empenhado na estabilidade

A detenção do líder da Renault-Nissan-Mitsubishi, Carlos Ghosn, de 64 anos, ontem, é um terramoto na maior aliança automóvel do mundo. Mas não só. As ondas de choque chegaram rapidamente a Paris, já que o Estado francês é um dos principais accionistas da Renault.

Carlos Ghosn é suspeito de diversos crimes, incluindo fraude fiscal, estando a responder às autoridades de Tóquio, que conduzem a investigação. A agência de notícias nipónica Kyodo diz que Ghosn terá, alegadamente, ocultado remunerações no valor de 44 milhões de euros, ao longo dos últimos cinco anos.

“É demasiado cedo para comentar as acusações, sobre as quais não tenho informações”, reagiu ontem Emmanuel Macron, em Bruxelas, onde se encontrava quando soube das notícias. “Como accionista, o Governo francês vai manter-se extremamente atento à estabilidade na aliança [Renault-Nissan-Mitsubishi], do grupo [Renault] e dos seus empregados, que podem contar com todo o apoio do Estado”, acrescentou o Presidente francês. O Estado francês tem 15% do capital da Renault que, por sua vez, controla 43,4% da Nissan.

Na bolsa de Paris, as acções da Renault aprofundaram a tendência de queda que se nota há sete meses: desde o início de Abril, a cotação das acções do fabricante francês – líder de vendas em Portugal no segmento dos veículos ligeiros – caíram 34,6%, de 98,62 euros para 64,50 euros, até sexta-feira. Depois de se saber da detenção de Ghosn, os títulos deram novo mergulho esta segunda-feira, caindo 10,19%, queda que se reduziu no fecho para 8,43%, nos 59,06 euros.

Na bolsa de Tóquio, as acções da Nissan Motor reflectiram de forma marginal as más notícias do dia, caindo 0,45%. Porém, em Frankfurt, onde o construtor nipónico também negocia, a variação foi bem mais expressiva: menos

6,42%, para 7,29 euros por título.

Ghosn tem sido um dos mais respeitados gestores da indústria automóvel, sendo-lhe atribuída a recuperação da Renault, da Nissan e da Mitsubishi. Além das suspeitas de não ter declarado toda a remuneração às autoridades japonesas, Ghosn também está a ser investigado por alegadamente ter usado recursos das empresas em benefício próprio.

Natural do Brasil, mas de nacionalidade francesa, Carlos Ghosn entrou no grupo francês no final dos anos 80 e juntou-se também à Nissan no final dos 90 quando o construtor nipónico fez a aliança com o parceiro francês. Em 2005, passou a *chairman* e presidente executivo de ambas as empresas, tornando-se o primeiro gestor do mundo a assumir a liderança simultânea de duas empresas do ranking *Fortune Global 500*.

A Nissan confirmou, em comunicado, que defende a saída de Ghosn do cargo de *chairman* e a Renault anunciou que vai reunir a gestão de topo para avaliar que medidas devem ser tomadas. Do lado nipónico, o actual CEO da Nissan mostrou-se consternado quando surgiu ontem perante os *media* numa conferência de imprensa na capital japonesa. “É difícil

traduzir os meus sentimentos por palavras”, disse Hiroto Saikawa. “Não só senti que tudo isto é lamentável como senti, com mais força, indignação e, em termos pessoais, até desespero”, sublinhou.

No comunicado divulgado, a Nissan afirma que as suspeitas envolvem outro gestor do grupo, Greg Kelly, director não-executivo, que foi igualmente detido. A empresa já estava a investigar internamente a conduta dos dois homens há alguns meses, após uma denúncia anónima. Saikawa garantiu aos jornalistas que “poucas pessoas” da empresa sabiam dessas suspeitas e traçou um quadro sobre a vida interna do grupo em que Ghosn estava “distante” do resto da

equipa e tomava decisões “com poucos contributos de outros”.

Sobre o eventual sucessor, o actual CEO da Nissan não se alongou. Disse que os dois detidos eram os “cérebros” por detrás das irregularidades que estão a ser investigadas – uma responsabilização que impede qualquer outro cenário que não seja o afastamento de ambos os responsáveis. E acrescentou que agora lhe caberia a ele, como presidente executivo, a condução dos negócios até que a situação se normalize. Criticou ainda as falhas nos mecanismos de governação da Nissan.

Uma das dúvidas, para já, é o que acontecerá à aliança se a Renault e a Mitsubishi decidirem manter Carlos Ghosn. Quando a fabricante francesa selou uma aliança com a Nissan, que estava, à época, à beira da falência, Ghosn foi enviado para o Japão para relançar o grupo. O gestor é creditado com os louros da recuperação dos negócios e, por isso, há quem o veja como o único elo capaz de manter juntas duas empresas substancialmente diferentes nos mercados, no *mix* de produtos e, acima de tudo, na cultura empresarial.

voferreira@publico.pt

A Nissan avançou que as suspeitas envolvem outro gestor do grupo, Greg Kelly, director não-executivo, que foi igualmente detido



Carlos Ghosn entrou no grupo francês no final dos anos 80 e juntou-se à Nissan na década seguinte